

Do romance ou dos mundos excluídos do ser

JOÃO DÉCIO

Professor-Titular de Literatura Portuguesa da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.

Os seres humanos ou as personagens valem uns aos outros na medida em que são pontos de referência, partes ou totalidade da verdade e que portanto se incluem no mundo de si ou de outrem, como extremada consciência. Este estar ou ser incluído ou excluído do mundo é resultante dos seus valores ou do seu valor e a vida parece ser uma sucessão constante de inclusão e de exclusão do ser com relação ao mundo dos outros seres. Assim o estar no mundo para o ser é ser consubstancial aos outros seres, numa indispensabilidade em que o ser é sempre referente a si e aos outros. Esta exclusão ou inclusão do ser no mundo, a sua duração no tempo, nos assalta ao lermos (pela sexta vez), o mais recente romance de Vergílio Ferreira. E que nos diz, ao fim e ao cabo, este *Rápida*, a *Sombra*¹? Que a inclusão e a exclusão em mundos diz da importância maior ou menor do ser, que este vai optar por uma atitude de inclusão voluntária e consciente no mundo de outros seres e, neste sentido, o ser aumenta a sua referencialidade, ou numa descensão e o ser se vai afastando no plano dessa mesma referencialidade.

Ora, ao nível da fábula de *Rápida*, a *Sombra*, exemplifica-se bem a questão. Dela participam Júlio Neves, narrador-protagonista em primeira pessoa, além de outras personagens, como Helena, sua esposa, Emilinha, sua filha, e a jovem Hélia, que surge na história na altura em que Júlio Neves está com cinquenta e tal anos. Para este, o processo de inclusão e exclusão se põe inexoravelmente neste choque entre o aceitar a dimensão pequeno-burguesa das coisas pré-estabelecidas e petrificadas ou romper para horizontes mais amplos e significativos do ser. Nesta oscilação se baseia todo o conflito de Júlio Neves visto num plano direto, e de Helena e Emilinha, visto num plano indireto.

¹ Lisboa, Editora Arcádia, 1975.

O processo de exclusão é resultante de um outro tema importante em **Rápida, a Sombra** : o do desgaste do ser no tempo; no plano do amor Júlio Neves desgastou-se com relação a Helena, sua esposa e Emilinha, sua filha, de tal modo que a comunicação e a comunhão não existem mais e portanto, neste particular o tempo serve como fator excludor; compensadoramente, opera-se a inclusão de Hélia; jovem que viria a proporcionar novas ilusões ao desgastado Júlio Neves, o mesmo ocorrendo com Helena em relação a Máximo Valente.



Vergílio Ferreira entre Saúl Dias e José Régio (c. 1954).

O desgaste é facilmente verificável na medida em que os seres existem uns para os outros no plano da mera contingência, exaurido que está o caráter transcendente. O que não souberam as personagens manter foi a necessidade recíproca para além da presença física, numa unidade de pensamento; de idéia e de ação.

Resulta então que as personagens não assumem o tempo no sentido de transcendê-lo, mas são engolidas por ele, porque dimensionaram-se num caráter puramente burguês e transitório, daí o falhanço total. Júlio Neves acredita que Hélia poderia ser a sua ressurreição mas se esquece que ela tem todo um futuro pela frente e que já está gasto pelo narrador-protagonista:

Creio que o que em nós morre não é o passado mas o futuro e eu já não tenho futuro para morrer. (p. 42)

Faltou a Júlio Neves a compreensão para introduzir humildemente a transcendência na contingência, dentro de um processo de não complicar a vida, de vivê-la simplesmente, de “existir claramente” sem dar por isso, da perspectiva poética de Alberto Caeiro:

O que quis ser em complicados modos de ser e não no modo único de ser que é apenas ser. (p. 79)

Cumpriria às personagens do romance seguir o conselho do heterônimo de Fernando Pessoa, que está subjacente em todo o romance, no conflito desencadeado pelo duplo encontro com Campos e Caeiro e subsidiariamente com Fernando Pessoa-Ele-mesmo. A incidência do erotismo que não se viveu, se perspectiva dentro do heterônimo sensacionista do poeta, ao mesmo tempo que o Pessoa-Ele-mesmo está presente na recusa de Júlio Neves de “saber”, de ter consciência aguda dos fatos:

Sem saber. Todo o desastre aí-saber. Ser tudo o que se é sem saber que se é, para não haver intervalo onde se instale a aflição – meu Deus. (p. 166)

Estamos assim, diante de um romance que extrapola em muitos pontos a ficção para atingir as dimensões da filosofia e da cultura, num plano de valores, num sentido de vida. E a filosofia de valores inicia-se com a preocupação em relação ao ser ao nível do que ele pode construir para si e especialmente para os outros.

Rápida, a Sombra se constitui num romance em que o protagonista, embora esteja voltado para si, também se projeta na direção de outras personagens, procurando assumi-las e entendê-las, estabelecendo esta interferência de personagens no tempo e no espaço, na criação de duas linhas que se autopenetraram e se explicam reciprocamente: a interior e a exterior. A personagem, Júlio Neves liga-se a Helena, sua esposa, a Hélia, jovem que surge para ele na altura em que tudo estava aparentemente consolidado, Emilinha, sua filha, Valente, o poeta, Túlio, seu genro e algumas outras personagens secundárias ou figurantes. O romance escorre na zona conflituosa de Júlio e das três mulheres que mais de perto participam de sua vida. Esta constitui a linha que podemos chamar de doméstica, isto é, de interrelação do ser com outros seres, consistindo o que poderíamos chamar de dimensão existencial contingente. Temos constituída aqui a infra-estrutura de uma outra dimensão do romance, eu diria, essencial – ou não talvez – em que os conflitos resultantes do relacionamento com aquelas mulheres levam o protagonista a reinventar e reinterpretar no plano da memória (donde a transcendência ou não das relações), todo um caudal de experiência emotiva, sensorial e conceptual. Numa linha que diríamos sartreana, o protagonista resolve-se numa dimensão do em-si e do para-si, numa tentativa de equacionar com equilíbrio ambas vivências (a essencial e a existencial) da realidade.

É claro que da problemática posta no para-si derivará a do em-si este a caracterizar-se numa extrema lucidez de Júlio Neves, na clarificação de seus problemas pessoais. Dentre eles resulta como fundamental o da finalidade do ser no mundo, posta como possível no plano da ação e da doação. É numa atitude dinâmica, de atuação constante, do pensar e do agir, na opção da não-neutralidade que o ser se autentifica. Eis por que a certa altura o protagonista dirá:

E o não fazer é difícilimo, porque a vida é ir fazendo . . .
(p. 144).

Neste processo de ação, Júlio Neves, numa dimensão essencial, vive um intenso conflito, no reconhecimento de que há mundos a excluir (ou já excluídos) e mundos a incluir (ou já incluídos) e assim vão se construindo coisas (ou destruindo coisas), dando-se as respostas que a vida exige de nós, que nunca são definitivas, que se põem sempre na dimensão do provisório, pois ao ver de Júlio Neves, a pergunta (ou mais essencial e vitalmente, a interrogação) é constante, até sempre, sim, até sempre, até a morte, até depois dela:

Como perguntei a Helena. Porque a vida não dá para se perguntar muita coisa. Trazemos uma pergunta, vamos-lhe dando as respostas que podemos. Vamos respondendo, a pergunta está.
(p. 60)

Busca-se resposta para tudo: interroga-se o ser sobre a validade dos valores com que se construiu. Se viveu intensamente pelo espírito, começa a se questionar sobre a outra parte, a animal, pois o sexo, o lado erótico do ser tem que atender-se, sob pena de incompletude. Pois se está determinado que o homem é espírito e carne, que direito terá ele de sacrificar uma coisa ou outra, sem que isso venha a criar um grave conflito na sua escalada para a unidade e a identidade? E no romance, quando o espírito reconhece os reclamos da carne, esta já não tem tempo de reclamar-se:

Verdade primeira e última. E no meio, todas as ficções criadas à custa dele. Com isto se é grande, dizem, e humano para cima do animal. Meu Deus, eu quero ser animal – que ilusão. Não pode ser animal. Ou espírito ou acabou-se, na velhice é assim.
(p. 14)

É na passagem da maturidade para a velhice que Júlio Neves se dá conta do conflito, de que começa a real mutilação (que é recobrada na sua infância, no plano físico e mental, quando lhe arrancam, violentamente, um dente); viveu intensamente pelo espírito e esqueceu de fazer o mesmo pela carne; e quando o espírito reconhece as razões da carne, no tempo, já não há mais tempo para viver daquelas razões. Aqui, o romance parece colocar o dedo na ferida, dando-nos uma dimensão universal e intemporal. Parece que, quando o ser reconhece e descobre as verdadeiras razões por que deveria ter vivido, já não há tempo, é-se velho, com toda sua carga de corrupção (assim se sente Júlio Neves, na psicologia de sua velhice, num momento limiar) e com total impossibilidade de vivê-la num plano físico.

Deriva disto um aspecto fulcral para a tentativa de equilíbrio do ser e do próprio romance: a presença do tempo e a filosofia do seu valor, a necessidade de sua vivência histórica e contingente e nesse processo o dimensioná-lo no transcendente.

Mas outros aspectos são relevantes em *Rápida, a Sombra*. Dentre eles a militância em favor da construção da vida e de não apenas vivê-la simplesmente num plano vegetativo. Isto é claramente observável no diálogo entre Helena e Júlio Neves, aquela, na oportunidade, sustentando-se em pé de igualdade com o protagonista narrador:

– A vida entre os humanos tem de se saber construí-la, nunca soube senão vivê-la. Ou nem isso.

– *Não construístes nada para a vida diz-me Helena. (p. 113)*

Outro aspecto que se impõe, no processo de amadurecimento do ser é a necessidade e mesmo a imprescindibilidade de se viver a vida na sua intensa humildade, como se ela simplesmente passasse por nós e nós por ela, num reconhecimento estreito dos limites:

O que quis ser em complicados modos de ser e não no modo único de ser que é apenas ser. Aqui estou. Para sempre. (p. 79)

A dimensão do desgaste do ser em si e para os outros (de nós e das coisas) ressurgue com uma força espantosa e nunca antes vista no romance de Vergílio Ferreira. Qual o fenómeno que ocorre? O ser é que se desgasta ou são as coisas com que entra em contato, ou são ambos? O romance acolhe a idéia de que na verdade nós é que nos desgastamos na maneira como olhamos:

Espera: do que se gastou? na realidade, não são as coisas que se gastam, pois que são sempre coisas, mas o nosso modo de estar a olhar para elas. Ou o modo de elas serem para esse olhar. (p. 74)

Romance centrado numa evidente filosofia de valores do ser e de recusa à atitude do brilho exterior das idéias e dos autores consagrados, numa verdadeira posição de ironia à falsa cultura e à falsa humanização do ser, numa investida contra o palavrorio e o palavroso, aí se revela a sua não-neutralidade.

Romance ainda em toda linha preocupado com a construção do ser (em si e nos outros) onde tenha lugar aquilo que é realmente essencial, numa recusa ao que é simplesmente urgente e supérfluo:

O homem só aprendeu a sua eternidade – onde aprende a finitude? Sistemas, religiões, e a política, e a arte – onde é que se ensina a morte? (p. 178)

Ao fim e ao cabo, **Rápida**, a **Sombra** assinala que se na aparência o ser pode revelar uma certa unidade, visto em profundidade, apresenta profundas cisões, revelando que entre o ser e o parecer longos abismos se apresentam na eterna caminhada em busca do equilíbrio. Senão por outras qualidades, somente por isto, vale a pena a leitura deste romance de Vergílio Ferreira que é urgente, fundamental, desde sempre.